

## **NATAL E A II GUERRA MUNDIAL: CRÔNICAS SOBRE A CIDADE**

Giovana Paiva de Oliveira – UFRN/UFPE / Virgínia Pontual - UFPE

Este trabalho trata das transformações da Cidade do Natal durante a II Guerra Mundial e de como estas foram expressas nas crônicas publicadas. Em 1940, a cidade tinha aproximadamente 90 km<sup>2</sup> e 50 mil habitantes e é provável que tenha sofrido mais impactos com a II Guerra Mundial do que outras cidades brasileiras, dado ter abrigado a principal instalação da Força Aérea Norte-Americana e diversas unidades das Forças Armadas Brasileiras.

Entre os anos de 1943 e 1945, a Cidade do Natal conviveu cotidianamente com centenas de aviões no seu espaço aéreo, dia e noite, pousando e decolando de Parnamirim *Field*; jornal em Inglês, o *Foreign Ferry News*; Estação de Rádio Local com programas produzidos nos Estados Unidos; auto-falantes nas praças transmitindo a BBC de Londres; Base Marítima no rio Potengi para abrigar os grandes hidroaviões que bombardearam Tóquio; milhares de soldados norte-americanos que frequentavam bares e cabarés e a primeira Fábrica de Coca-Cola construída na América Latina.

Pretende-se aqui interpretar o que foi registrado por um intelectual, sujeito que relatou seu presente em pequenas narrativas, não esgotando a discussão, mas apenas tentando revelar um pouco da cidade do Natal durante a II Guerra Mundial, através do olhar de Danilo, cognome de Aderbal de França<sup>1</sup> e tendo em vista que suas crônicas podem ajudar a pensar a História da Cidade.

Para o objetivo deste trabalho, as Crônicas foram consideradas como uma produção social, contextualizadas no período e no lugar em que foram produzidas, não para reconstruir-se o passado como ele foi, mas, para entender as questões do presente.

“(…). A cidade não dissocia: ao contrário, faz convergirem, num mesmo tempo, os fragmentos do espaço e os hábitos vindos de diversos momentos do passado. Ela cruza a mudança mais difusa e mais contínua dos

comportamentos citadinos com os ritmos mais sincopados da evolução de certas formas produzidas. A complexidade é imensa. A cidade é feita de cruzamentos. (...)”<sup>2</sup>.

Procurou-se, então, observar estes cruzamentos, privilegiados ou não pelos registros da Historiografia sobre a cidade do Natal, as repercussões e transformações urbanas sofridas, tendo-se em vista que, com a II Guerra Mundial, ela viveu um momento glorioso e sem precedentes. Um momento que, estranhamente, ainda tem sido pouco explorado por essa mesma Historiografia, pelos Livros Didáticos e pela Imprensa atual<sup>3</sup>.

### **A Cidade na II Guerra Mundial**

O que seria este enunciado sobre Natal? O que representou a II Guerra Mundial para essa cidade? Uma vez que estava fincada em uma região estratégica, o extremo do Continente Sul-Americano que mais se aproximava fisicamente do Continente Africano, onde, no início dos anos 40, as tropas do Eixo avançavam suas conquistas.<sup>4</sup>

Em se tratando do espaço da Cidade, sua importância pode ser vista no seu interior onde se realizaram ou não as expectativas criadas na e para a Cidade, na sua vida cotidiana, no emaranhado de acontecimentos que destroçaram seu lento crescimento. Não podemos deixar de ressaltar que este “progresso” sempre foi desejado pelos intelectuais e governantes ao longo do século XX, o que se consubstanciava nos seus discursos, nos Planos Urbanísticos, nas intervenções realizadas no espaço<sup>5</sup>.

Em 1941, o Governo Brasileiro criou o “Teatro de Operações do Nordeste” em que a Marinha iniciou a construção das Bases Navais e o Exército organizou seus Regimentos de Infantaria. Após a realização do acordo de utilização do Território Nacional, iniciou-se a construção da Base Naval de Natal e, assim, foi iniciada a progressiva instalação dos equipamentos das Forças Armadas Brasileiras e Norte-Americanas. Foram construídos três Quartéis na área urbana: o Grupamento de Artilharia de Campanha, o 16º Regimento de Infantaria e o Batalhão de Engenharia de Combate, para abrigar as tropas do Batalhão de

Caçadores, 3º Regimento de Artilharia Anti-Aérea, 2º Batalhão de Carros de Combate Leve, Companhia de Transmissão, GEMAC, Batalhão de Engenho e a 7ª Companhia de Engenharia, além da Base Aérea Brasileira em Parnamirim, ao lado da base americana.

As instalações militares norte-americanas foram a Base Marítima ou “Rampa” e a Base Terrestre “Parnamirim *Field*” ou “Campo de Parnamirim”. A Base Marítima ficava às margens do rio Potengi e servia de abrigo para os hidroaviões anfíbios (transportes de carga) e os “clippers” (passageiros), além de coordenar as ações de caça aos submarinos no litoral. No outro lado da cidade, distante 20 Km do centro, já existia o Campo de Parnamirim desde 1928, que foi construído pela Air France e Lufthansa (L.A.T.I.) para pouso de seus aviões comerciais, o qual foi escolhido pelas Forças Aéreas Brasileira e Americana. Em setembro de 1942, foi dado início à construção de “Parnamirim *Field*”, o *Headquarter* da Força Aérea dos Estados Unidos no Atlântico Sul, que funcionou de agosto de 1943 a julho de 1945<sup>6</sup>. O Departamento de Estado Norte-Americano, por razões de segurança, nunca divulgou informações sobre a Base, nem mesmo o número oficial de militares que nela se instalaram. Para alguns, em “Parnamirim *Field*” viveram permanentemente um contingente de 10 mil soldados norte-americanos<sup>7</sup>, o que correspondia a 20% da população de Natal.

A população da Cidade, neste período, pode ter crescido em 50% e mais que duplicado o seu comércio. Não existia residência em número suficiente para a demanda que se instalava, assim como infra-estrutura que atendesse e abastecesse às novas necessidades da cidade. Os transportes, os cinemas, os bares e as ruas estavam sempre tomados pelas pessoas.

“(…). Entraram em plena confraternização com as moças da terra e fizeram camaradagem com os filhos das famílias da melhor sociedade, freqüentando as suas residências e dançando nas festas dos clubes. Nadavam em nossas piscinas e bebiam cerveja nos ‘cafés’, como eram chamados os bares naquela época. (...)”<sup>8</sup>

A população da cidade, que sempre fora predominantemente formada por funcionários públicos, teve sua vocação reforçada com a presença dos militares das Forças Armadas

Brasileiras (o que permaneceu até os dias atuais). O turbilhão refletia-se em milhares de pessoas que se deslocavam para a Capital, vindos de todos os lugares, motivados pela seca no sertão do Estado (flagelados e mendigos) ou estimulados pela oferta de empregos<sup>9</sup>. Outros, comerciantes, vieram em busca da possibilidade de enriquecimento rápido. Tanto as Forças Armadas Norte-Americana como a Brasileira construíram Vilas Militares. Nos bairros de Tirol e Petrópolis, eixo da “pista” que ligava Natal a Parnamirim, instalaram-se os oficiais e militares de alta patente, que compartilhavam com a elite local seus espaços de convivência e de lazer, que, por sua vez, disponibilizava suas residências, o Aero Clube, o Teatro e os Cinemas da cidade para eventos comuns. Para os soldados de baixa patente foram improvisadas barracas como moradias e estes frequentavam os bairros das Rocas e Ribeira, onde foi construído o *USO* e instaladas casas de diversão, cafés, cassinos e cabarés<sup>10</sup>.

“A presença dos galegos (designação usada pelo homem do povo para identificar qualquer estrangeiro) motivou a aprendizagem da língua inglesa, ao ponto de que, já ao término da guerra, muitos natalenses falavam e escreviam corretamente esse idioma”<sup>11</sup>.

### **As Crônicas sobre o vivido – O registro da experiência de Danilo**

Apesar da grandiosidade do acontecimento, poderíamos arriscar a afirmação de que esse momento não ficou devidamente marcado na História da Cidade, mesmo considerando a intensidade do vivido, que ainda repercute na sua cultura e pode ser difusamente visualizado no presente, através de gestos, palavras, nomes de lugares e em outros aspectos da cultura local<sup>12</sup>.

As Crônicas escritas por Danilo entre os anos de 1940 e 1943 nos conduziram a várias observações sobre o momento. Selecionamos para este trabalho as que foram escritas quando as Forças Armadas chegavam e começavam a se instalar em Natal, especialmente

as que diziam respeito ao espaço da Cidade, dos bairros e observavam as transformações percebidas. Até meados de 1941, demonstravam seu fascínio e admiração pela prosperidade observada, com as novas ruas traçadas sobre terrenos vazios e a evidente multiplicação de casas e vilas. Em “O bairro do Alecrim Prospera” (15/09/1940), este bairro da cidade parecia estar conquistando sua autonomia, ascedendo à infra-estrutura urbana de maneira uniforme, água, energia elétrica, hospital, mercado público, feira, cinema e comércio diversificado. Ou em “Petrópolis” (26/01/1941), destacam-se os investimentos na antiga Avenida Atlântica (hoje Avenida Getúlio Vargas), o calçamento, as luminárias e o *belvedere* com vista para o mar, marcando o início da ligação da Cidade com a praia de maneira mais efetiva. Ou, ainda, na Crônica “Mais um Hotel na Cidade” (14/06/1941), quando observava o crescimento da demanda por hospedagem “de qualidade” e as adaptações procedidas em edifícios, para que funcionassem como locais de hospedagem. Verificamos ainda em várias Crônicas, uma opinião que insinuava revelar suas dúvidas quanto à maneira como este “progresso” vai-se implantando na cidade. Em “Árvore e Sol” (10/01/1942), reflete sobre o desaparecimento das áreas sombreadas na Cidade:

“Hoje... Os tempos mudaram realmente. A cidade acompanha desnuda, o ritmo do progresso e a árvore perdeu o valor urbanístico que se conserva em toda parte. Não é por questão de primitivismo carrancudo e inútil que defendemos a sombra das árvores. (...). É um conservantismo necessário ao próprio valor humano e as modernas condições da vida e do trabalho! Quanto mais cresce a cidade, mais sofre o pedestre nas suas travessias habituais por força da luta cotidiana de viver (...). A cidade tornou-se ingrata, flagelante”

Era um novo universo que se estava construindo no espaço e que oferecia indícios importantes para pensar a vida naquele momento. A narrativa de Danilo também revelou dúvidas, quando antes não demonstrava vacilar na sua crença no crescimento. Os tempos mudaram também em outras cidades, mas por que Natal necessitava se desnudar tanto para se adaptar ao ritmo do progresso? Expressou os argumentos para não ser confundido com qualquer crítico do progresso, não era um “primitivista carrancudo”. Nesse mesmo

período, demonstrou estar percebendo a perda do controle sobre a cidade e em “Estão Estragando o Bairro de Petrópolis” (11/02/1942), constatou a impoderabilidade do que as mudanças poderiam representar na lógica de ocupação do seu espaço.

“Chamaram-me a atenção para o caso: o bairro de Petrópolis estava sendo cenário de graves coisas. Onde por tantos anos, fora um tradicional recanto isolado, um sombrio quarteirão de mato regular, e, depois uma área pitoresca devastada e loteada, estavam construindo casas incríveis no gênero e nos tamanhos. Não porque fossem assim. Porém, porque estavam transformando uma zona destinada a outras espécies de construções residenciais em um trecho impróprio para aquelas habitações. Fui ver. (...). A promessa que era o local, tornou inopinadamente uma realidade constristadora. (...). São casas “baratas” com a finalidade da ambição em detrimento da estética da cidade.”

Era a elite a defender a manutenção da setorização dos lugares de moradia - Petrópolis, Tirol e Cidade Alta para os ricos, e o Alecrim e as Rocas para os pobres. O discurso revelou um sujeito que apresentava a versão dominante do uso do espaço da cidade, oferecendo as condições para que o processo de mudança dentro de outra lógica pudesse ser barrado. O bairro do Tirol foi um dos que mais prosperou naquele momento, depois do Alecrim, e segundo Danilo em “O Inimigo do Tirol...” (20/03/1943):

“No deserto entre dunas e planícies surgiram avenidas largas e as casas mais modernas da cidade. A distância e as dificuldades dela decorrentes são compensadas pelo clima e pela tranqüilidade. O que tem dificultado é a crise do combustível que não possibilita a utilização dos automóveis. Os moradores são obrigados a utilizarem-se dos bondes, que são os transportes de todos. O bonde é o inimigo número um do próspero e elegante bairro do Tirol”.

A situação parecia se agravar com o colapso dos sistemas de transporte e abastecimento de água e esgoto da cidade<sup>13</sup>, e o bonde, apesar de ineficiente, passou a ser o principal meio de transporte da cidade e para todas as classes sociais. O Tirol era a área de

expansão da cidade na direção de “Parnamirim *Field*”, distante do centro e próximo do fluxo e da movimentação dos caminhões, dos soldados e dos quartéis.

Em contrapartida, o comércio local cresceu, tanto em quantidade de dinheiro e produtos circulantes, quanto na diversidade das mercadorias oferecidas e Natal tornou-se uma cidade inflacionada pela convivência com os norte-americanos.

“A cidade, os transportes, os bares são lotados. O comércio ampliou-se. Abriram-se novas casas de negócio, especialmente lojas de jóias e relógios, que os militares e civis compravam em profusão. Caríssimas se tornavam as residências. Todos queriam alugar seus imóveis aos filhos do Tio Sam, que pagavam sempre em dólar”<sup>14</sup>.

O enriquecimento de alguns e a diversificação dos costumes foram marcas deixadas por esse período. Surgiram novos tipos de lojas, como as Confeitarias que, para Danilo (25/03/1943), era uma “especialidade comercial que tem o luxo como característica” e se tornaram “necessárias para uma cidade que ascende para o complexo da civilização”. A população sempre atualizada pelas informações da ZYB-5 que, com a ajuda dos norte-americanos, fazia de sua programação um instrumento de aculturação da cidade<sup>15</sup>.

Em “Cidade de ontem e de hoje” (15/03/1942), Danilo falou da cidade do seu passado e das lembranças, que viveu a introdução da técnica e da tecnologia nos serviços urbanos.

“Tantos anos se passaram e as memórias da minha meninice de vez quando me mostram os ocasos do tempo e o esplendor das alvoradas. Vejo os velhos ambientes por trás de novos panoramas. Admiro a evolução de tudo, observo a mudança dos costumes, (...). A cidade inundada e quieta, expôs-se a uma eclosão de luz e a um turbilhão de movimento.”

As mudanças expressaram-se em repercussões inesperadas e a Crônica de Danilo fala de um passado que a Cidade deixou para trás, no ocaso do tempo que se passou. Mesmo diante da realidade evidente e admirando-a, parecia querer enxergar o que se encontrava por trás da aparência. O movimento, a luz e as asas poderiam demonstrar a possibilidade de que o autor ainda apostava que o vôo empreendido fora um sucesso.

O presente trabalho pretendeu tornar-se um exercício para demonstrar que documentos do passado podem subsidiar o presente a construir diferentes interpretações, embora no caso do autor em questão isto não se tenha configurado até agora, pois sua Crônica continua quase desconhecida no presente e muito pouco considerada como Fonte de Pesquisa.

---

<sup>1</sup> Considerado como pioneiro da Crônica Social no Jornalismo do RN. Ligado à atividade jornalística por opção, ocupou Cargos de Diretor e Editor-Chefe do Jornal “A República”. Escreveu sobre o cotidiano da cidade durante quarenta e dois anos, em uma coluna diária. Estudou Medicina no Rio de Janeiro, mas não concluiu sua formação, voltando para Natal para se dedicar ao Jornalismo, fundou a Revista “‘Cigarra’, primeira Revista dedicada à vida em sociedade (1928-30), e o jornal ‘O Diário’ (1939)”. Este último foi adquirido pelos Diários Associados, passando a se chamar “Diário de Natal”, cujo título mantém até os dias de hoje. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi correspondente da Agência Nacional. Nasceu em Natal, em 05/01/1895 e faleceu em 25/05/1974. (Cardoso, Rejane (Coord.). *400 Nomes de Natal*. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 2000).

<sup>2</sup> Lepetit, Bernard. *Por Uma Nova História Urbana*. São Paulo: EDUSP, 2001. p.141.

<sup>3</sup> Existem poucas publicações sobre este período, entre as principais referências, podemos citar: MELO, João Wilson Mendes. *A Cidade e o Trampolim*. Natal: Sebo Vermelho, 2003. 167p.; MELO, Protásio Pinheiro de *Parnamirim e Natal na Segunda Guerra Mundial*. Natal: PRAEU/RN Econômico, 1982. 33p.; SMITH JUNIOR, Clyde. *Trampolim para a Vitória*. Natal: Editora Universitária, abril/1993. 225p.

<sup>4</sup> Clementino, Maria do Livramento Miranda. *Economia e urbanização: o Rio Grande do Norte nos anos 70*. Natal: UFRN/CCHLA, 1995.

<sup>5</sup> Dantas, George Alexandre Ferreira. *Natal, “Caes da Europa”*. *O Plano Geral de Sistematização no contexto de modernização da cidade (1929 – 1930)*. Natal: DARQ – UFRN, 1998. (Monografia – Trabalho Final de Graduação); Ferreira, Ângela Lúcia de A. De la producción del espacio urbano a la creación de territorios en la ciudad: un estudio sobre la constitución de lo urbano en Natal, Brasil. Tese de Doutorado. Barcelona, Universidad de Barcelona, 1996; Lima, Pedro de. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas*. Natal: Cooperativa Cultural/Sebo Vermelho, 2000. 80p.; Oliveira, Giovana Paiva de. *De Cidade a cidade: o processo de modernização de Natal – 1889/1913*. Natal/RN: EDUFRN, 2000

<sup>6</sup> A Base de Parnamirim incluía: duas pistas de pouso com capacidade de operação irrestrita de aeronaves; doze áreas de estacionamento; dez hangares e 700 edificações. Base de trânsito e apoio para homens, armas e equipamentos, que operava em constante ampliação, com um trânsito diário estimado em 400 a 600 aeronaves.

<sup>7</sup> Cascudo, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: RN Econômico, 1999. 496p. e Pinto, Lauro. *Natal que eu vi*. Nata: Sebo Vermelho, 2003.

<sup>8</sup> Melo, *Idem*, 1993. p.37.

<sup>9</sup> Era de conhecimento público que os americanos estavam contratando mão-de-obra para os serviços mais pesados, como a construção da Base Terrestre “Parnamirim Field” e da pista “Parnamirim Road”.

<sup>10</sup> Melo, *Idem*, 1993.

<sup>11</sup> AGUIAR, José Nazareno Moreira de. *Cidade em Black-out*. Crônicas referentes à Segunda Guerra Mundial 1939/45. Natal: Editora Universitária, 1991. 63p. p.32.

<sup>12</sup> SILVA, Josimey Costa da. *A palavra sobreposta: imagens contemporâneas da Segunda Guerra Mundial*. Dissertação de Mestrado, PPGCS/UFRN. Natal: [s.n.], 1998. (Área de Concentração: Cultura e Sociedade).

<sup>13</sup> O sistema de abastecimento de água e esgoto foi construído pelo Escritório Saturnino de Brito e havia sido concluído em 1939, com previsão de atender a cidade por 10 anos

<sup>14</sup> MELO, Protásio Pinheiro de *Parnamirim e Natal na Segunda Guerra Mundial*. Natal: PRAEU/RN Econômico, 1982. 33p. p. 15.

<sup>15</sup> TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.